

que se arremessara sobre o Oriente. Essa matilha de lobos estúpidos não conseguia senão juncar com seus corpos os paizes que havia atravessado. Com o exercito commandado pelos senhores feudaes não aconterera internamente o mesmo. Habelis e dextros na guerra elles fundariam um imperio ephemero no Oriente.

E a frente d'essa expedição para a libertação do sepulchro de Jesus, viam-se os mais bravos guerreiros da Europa. Um Godofredo, um Hugo de Vermandois, um Eustaquio de Boulogne, um Bohemundo, um Tancred, eis os nomes illustres que se acham á testa da phalange que caminha para os plainos da triste Judeia.

Descriminadas e aguertidas as cohortes ás ordens d'estes fortes guerreiros, não deixam contido de praticar innumeros excessos nos paizes por onde transitam. Não ter ao imperio grego, a esse baluarte da Europa, a essa nação que ainda conservava os restos da civilisação grega e romana. Assolam essa nação, e fazem seu monarca tremer ante a barbarie que elles trazem do Occidente.

E o Papa exultou de jubilo ao vellos humilharem esse principe que no Oriente até ali rica da Igreja de Roma. E o Papa, que pregava a Cruzada, exultava de jubilo por ver enfraquecida a nação que podia obstar á invasão musulmana. Que lhe importava que Constantinopla se convertesse ao islamismo, se assim elle ficaria com o seu dominio firmado no Occidente? O Papa, que sabia o que valiam as religiões, não abandonaria a preza pela sombra.

E os cruzados reunidos no imperio grego arremessaram-se sobre a Asia. Cobriram com seus exercitos as planicies baldadas pelo Jordão. Já libertar o tumulo do Christo, e feroces e sanguinarios, e atrozés, e canibales, elles dilaceravam tudo o que encontravam no seu caminho! Era a religião que os impellia, e a religião tem o dom de santificar todos os crimes! Assim o dizem os Papas! Assim o tem ensinado a Igreja!

Junto com esses cruzados estava o autor das Cruzadas—esse feroz Pedro o Ermita. Sabeis o que elle fez? Fugio no primeiro combate, infame como todos os instrumentos da Igreja Romana, elle não tinha a coragem de dar a vida pela sua causa!

Assim é o sacerdote. Habel em ferocar os homens a despedaçarem, elle não tem a coragem de derramar uma gotta de seu sangue.

O sacerdote não attinge a nobreza do fíguro do leão. Elle só sabe ser chacal.

..

Surprezos pela rapidez do ataque, vacillantes nos meios de defensão a empregar para repellar os christãos, os turcos Gaznevidas e Seljuquidas apresentaram-se em campo para combater os cruzados. Tendo contra si o numero, foram varias vezes vencidos. Tarse, Edessa, Antiochia, Jerusalem, enfim, cahem nas mãos dos cruzados.

Estava consumado o desideratum dos Papas. Jerusalem era christã. Tão christã que ao tomarem-a os exercitos da Igreja degolaram todos os seus habitantes depois de haverem violado todas as suas virgens! Era santa, era nobre, era digna, esta maneira de venerar o sepulchro do martyr do Gogolthi!... (Oh! como esta veneração eucha de jubilo a Igreja Romana!

E o reino de Jerusalem estava fundado. E Godofredo e os principes seus companheiros haviam abandonado os seus fortes dominios para ir reinar sobre desertos improductivos! E a Igreja usufruia esses bens que roubara, e cuja posse ella com tanta avidéz ambicionava!

E o rei de Jerusalem firma-se. Reino vergonha de todos os reinos. Reino fundado pela loucura e mantido durante dois seculos pelo sangue dos miseraveis que a Igreja sobre a Asia arremexava. Nação estabelecida sobre o sepulchro do Christo que nunca pensara em ser honrada pela corrupção.

No seo dessa Jerusalem conquistada desenvolve-se então o vicio com todas as suas proporções assustadoras. Predobes, Princesas, Princesas, dão o exemplo mais fúnebre da desordem nas costumes. O bispo de Jerusalem, de Jerusalem—theatro do martyrio do Christo, sustenta com o producto das esmolas dos feis um harem de meretrizes! Fal-o com audacia, com descaço, com cynismo. Tem uma amante que o apregoa—Pape de Rivery, que—nova Messalina—não trepidava ante todos os excessos da libidinalidade. Todos lhe seguem o exemplo, e a sagrada Jerusalem é o theatro de uma continua orgia. E a orgia era celebrada sobre o tumulo do Christo. Velai vossos rostos, ó Apostolos!

Contudo a Europa, a Europa que ao longe não via esta corrupção que a Igreja lhe encobera, enviava seus filhos a morrerem nos campos da Palestina. O Papa pregava constantemente a cruzada, e novas milhões de cruz no hombro marchavam para essas regiões malditas.

E a Igreja enriquecia, e a Igreja dominava. Seu poder augmentava de dia para dia. A avareza que a possuía ia-se saciando com os expolios da humanidade. O thesouro do Papa já tinha milhões. Sua throna era cravejada de brilhantes. Seu baculo pontifical era feito d'esse ouro roubado aos suores dos infelizes. E esses milhões, esses diamantes, esse baculo, eram devidos á fraude, á fraude com que a Igreja precipitara os christãos nos valles do Jordão.

E assim a grande obra do Christo, a sublime empreza da liberdade, era calcada aos pés pelos vicios, pela abjeição, pela torpeza da Igreja Romana. Em nome da santa lei do Evangelho a humanidade tornada instrumento dos despotas, ensanguentava as arvens da Syria. Em nome do martyr do Calvario, a corrupção reinava desenfreada em Jerusalem e em Roma, e essas duas cidades que o despotismo empolgara nas suas garras de abutre.

O abutre era o Papa...

..

Por momentos repellidos os Turcos, não julgaram contanto que a preza lhes escapasse definitivamente das mãos. Acreditavam no seu Koran, e o Koran, como todos os livros de religião, promettia-lhes o dominio universal.

Mahometh inspirara a seus sectarios um zelo ardente. Foi com esse zelo que elles fundaram o Califado. O Califado mais tarde dominado pelos Turcos inspirou a seus vencedores ignaves sentimentos. O islamismo era uma fonte immensa em que vinham beber todos os povos orientes.

Com as victorias dos cruzados as horras aguzadas soffreram apenas um ligeiro abalo. Aquelles guerreiros do Occidente que os tinham momentaneamente vencido, nem sempre conservariam o poder. Não o conservariam, porque, avidos como os lobos, elles cedo brigariam por causa da preza.

E os Occidentaes brigaram. Corruptos até nos gubulos do sangue, elles atearam a discordia no seo d'esse reino que haviam fundado. Não obstante as injurias gigantescas, que n'esse novo estado se enfiuzavam, a conquista dos cruzados caminhava lentamente para a sua ruína. A grande forza que anima o Universo não consentia que os barbaros adardores do Christo estivessem manchoando com a sua presença os lugares santificados pelo Evangelho. Antes o Koran n'esses lugares; antes o insulto do adversario casado de sua forza, da que as preses hypocritas, as infames vilezas, e a suprema abjeição do sacerdote romano reinando n'essas plagas onde despontava esse astro de luz que se chama—Christo. Os inimigos da religião christã eram mais dignos de possuir o tumulo de Jesus, do que essas hordas barbaras movidas a voz do Papa para ensanguentarem o mundo. Os maluchanos eram barbaros. Não eram porém infames como o foram os cruzados.

O reino de Jerusalem cahiu finalmen-

te. Desappareceu, como desappareceram os phantasmata que povoam um somno agitado. E a Europa que perdiera seus filhos n'essa luta ingloria, viu desalar no Oriente o producto dos esforços de mais de trez gerações. Vio o Oriente tornar a ser musulmano, e voltando-se para o Papa viu-o tambem rir cynicamente. A Igreja conseguira o que desejava. Mostrara ao mundo inferior o seu poder. Roubara os povos, os nobres e os reis. Enfraquecera o imperio grego. Cobrira a Europa de ruínas, de trevas e de sangue. Evitara que as luzes da civilisação se propagassem. Mantivera as nações no seu abjecto servilismo. Desprestigiara os monarcas. E tranquilla depois do immenso cataclysmo que provocara apregoava a todo o orbe a sua influencia benéfica!...

E estavam lindas as Cruzadas. Estava terminada essa guerra melioda a que horror nenhum fallou. Em nome do Christo havia-se commettido toda a especie de atrocidades, e o fanatismo tinha transformado durante dois seculos os homens em feras. A anthropophagia e a corrupção reinaram durante longo tempo, e o sacerdote romano applaudia-se pela sua obra.

E que nas cruzadas a humanidade foi um tigre ás ordens do sacerdote.

..

Pantisar as modernas gerações, embutece-las para as transformar em instrumento da sua critica, da sua avidéz, eis a tarefa que no seculo actual a Igreja Romana se propõe.

E com sanidades que ella se lemdra das Cruzadas que outr' hora pregou. Já não tem o islamismo a condeter, mas ella vê nele si uma forza que para seus interesses necessario julga destruir.

Essa forza é a sciencia. A sciencia que ameaça fazer desaparecer do mundo esse parasita—sacerdote romano.

E os Papas hoje e a Igreja bem atizam o poder pregar uma nova Cruzada. Uma Cruzada negra. Uma Cruzada em que podessem exterminar todos os cerybros que se deixam dominar pelo pensamento. Uma Cruzada de trevas, escura como o vulto fetrico da Igreja romana.

Fatalmente impellido pelo mal a Igreja esquece-se do seu passado. Não se lemdra dos rios de sangue que fez correr, e que a expuzeram á escação dos povos. Julga que o povo esqueceu, e prepara-se para mergulhar-o no fanatismo de outr' hora.

Ha tentado todos os meios para conseguir desmornar o rolloso do luz que hoje a combate. Habel na astucia ella procura surdamente destruir todos os germens da civilisação. Prega a Cruzada contra a sciencia como os mochos podem pregar o horror á claridade do Sol.

Oh! vós que conheceis o que é a Igreja, vós que sabeis o que é o Papa, vós que escutais attentos as lições da historia, armais contra a Cruzada que elles pregam. Outr' hora vossos antepassados succumbiam derramando seu sangue á voz dos sycophantas que os impelliam para as arvens da Syria. Não consentais que elles hoje fiquem da vossa intelligencia a arma com que hoje conquistou o mundo que das garras lhes escapou.

Nas planicies da Asia vossos avós perderam seu sangue. No seculo XIX, se vos entregasseis ao padre romano, vós perderdes a razão. A razão vale mais do que o sangue. O sangue pertence ao animal. A razão pertence ao homem.

E a cruzada que o padre vos prega contra a sciencia respondei com um grito de—liberdade.

A liberdade é a morte do sacerdote. Malai-o.

Revd. Sr. Frei Custodio

Não tenho a honra de conhecer a pessoa de V. Revd.º mas devo presumir que pertence á camarilla ecclesiastica que se acha actualmente estabelecida no Maranhão. O que me levou a semelhante presumpção foi não achar prova-

vel que V. Revd.º na villa do Paço do Lumiar, pudesse ser tão bem instruido, não só de que a benção episcopal-typographica fora uma desprobita desprobita desprobita, mas tambem de que esta composição fora feita com rapidez, por ordem de S. Exc. Revd.º, para a benção.

Procurando encobrir-se sob o respeitavel nome de *Candido Lusitano*, V. Revd.º andou muito tempo cabuloso do que o *Buro da fabala*—que se cobria com a pelle do *Leão* para lançar o terror na sua passagem. O *Buro* foi reconhecido apenas por uma ponta da orelha, que a pelle poderia ser insufficiente para encobrir; e V. Revd.º não só deixou a descoberto as duas orelhas que lhe tinham apontado, mas tambem revelou a sua natureza por duas boicualas, daquellas que não deixam a menor duvida sobre a natureza das orelhas do animal: V. Revd.º, dirigindo-se apparentemente aos redactores da «Civilisação» ecclesiastica, não só usou da linguagem collectiva só propria da redacção, mas tambem *estampou com prezar* um artigo que deveria ser mais lambelhante para os redactores, se lhes fosse offerecido como um subsidio estranho, do que lhes poderia ser a critica mais depreciadora. Nem V. Revd.º, nem os seus dignos collegas consideraram que o *prezar* com que o seu artigo era *estampado*—seria uma confissão feita da impotencia da redacção da *folha* para defender a da benção, quando se podesse acreditar na impossitura do pseudonymo!

Não lhe dirijo pois esta carta com addresso a *Candido Lusitano*, porque tambem acho que isso seria aviltar um nome muito honrado na litteratura portugueza, e que foi uma fiel expressão do escriptor que o honrou não menos pela sua modestia do que pelo seu talento. A V. Revd.º concedo o nome que convem á sua presumpção, e que deve estar para *Candido Lusitano*, como a sua litteratura acanhada e atolemada está para a mais vasta e esclarecida do digno litterato de quem pretendo usar por nome, sem pensar que isso ainda o cobre mais do ridiculo.

A critica que V. Revd.º, sob o nome insolentemente usurpado—de «Candido Lusitano» dirige a um *critico*, pelo n.º 8 da «Civilisação» ecclesiastica de 2 do corrente mez de Outubro, consta de duas partes distinctas, com quanto se achem intimamente ligadas na sua replica. D'essas duas partes, uma que é a principal, como o título a indica refere-se ao *analista*, ao *homem*, e a outra—á *analyse* por elle feita. Ha pois na sua replica um *face* meramente *moral*, a que seria inconveniente responder em artigo puramente litterario, como o deve ser uma replica d'este genero, e por isso, para defender a pessoa do criticado—que é a minha propria, me sirvo agora do estylo epistolar, sem que isto me impeça de mencionar na replica as duas partes que se acham tão intimamente ligadas na replica.

Tomae-me V. Revd.º por um homem excessivamente vaidoso, e attribue-me o poder de despertar *as mil vozes da fama* para obter celebridade á custa do «Benedito domus et machina typographica»: este juizo porém não pode parecer mais acertado do que toda a pallada da sua *critica* a um *critico*. Não se procura digna celebridade senão por meios que valham a pena;—e que honra e gloria poderia haver para um *critico* em provar que a tal *benedito machina typographica* era uma amadurgação de palavras latinas e alatinadas, para que se fosse, por esse ridiculo motivo, despertar *as mil vozes da fama*?—Som muito obscuro, Revd. Sr., mas na minha obscuridade não deixo de comprehender a dignidade de um Achilles... Um Achilles procura a sua celebridade battendo-se com um Aeneas, e correndo apoz a imagem fugitiva d'este, e completa-a battendo-se e triumphando de um Heitor a quem mata no combate; a um Thersites, o mais que elle pode fazer, sem desdouro, é a honra de uma tapona,

que lhe atria com o dorso no chão, e com o espirito nos infernos. Ora eu sou muito franco e obscuro para um Acadêmico, mas qualquer de V. Revd.º, procedendo com muito menos sensatez do que o burro da fábula, para mim vale muito menos do que para Acadêmicos Thersites que teve a coragem de o provocar sem usar de pseudonymo que o pudesse incutir por mais illustre. No critico, Revd. Sr., não houve pretensão alguma a celebridade; o se V. Revd.º tivesse mais bom senso do que fulano para critico, bom havia de considerar que não é com um pseudonymo que se procura a celebridade.

Acusa-me V. Revd.º de me apresentar de *ferula em punho*: deveras achou isso, Revd. Sr.? Pois oho! que ninguém mais vio tal coisa; nem mesmo a FULCIA, que é de alcance muito maior do que a sua vista, poderia nao ter hão occasião de enfeitar a sua caricatura, pondo-me, de *ferula em punho* a tocar bombão nas costas do caboclo da Villa do Para do Lumar. Isto foi para illusão, Revd. Sr.: foi sem duvida o heri-heri que lhe atacou tambem a vista, como lhe tinha atado a cabeça no habitaculo onde tinha guardadas as escriptas do Padre Antonio Pereira, juntamente com o *pancetrinho de latim* que tinha apprehendido em *scappos olos*, e de que se confessa esquecido.

Achou-me V. Revd.º muito ignorante e aulaz, e julgou que tinha sciencia bastante para me vir reprimir, revestido-se da audacia que me attribue. A ignorancia, Revd. Sr., nada tem de humilhante, porque ninguém pode saber tudo, nem se pode deixar de ser ignorante de tudo o que não se aprendeu. Sobre este artigo, Revd. Sr., com muito gosto reproduzo, para seu conhecimento, esta profissão de principio que francamente tenho exposto a muitos outros: «Se eu podesse trocar tudo quanto sei por tudo quanto ignoro, mais sabido do que eu só haveria Aquelle que tudo fez, e que nada pode ignorar do que ha feito.»

A ignorancia, Revd. Sr., nada tem de humilhante, porque é toda relativa; mas a insipientia, isto é, a falta de consciencia da sua propria ignorancia, esta é que é revoltante, e quando se revela como in *beneficentia machina typographica*—luzna-se até *manubando*. Foi a insipientia que levou V. Revd.º a ver uma *escapatoria* na minha suppressão de critica sobre o «*El omnia que in casuati*», porque, se assim não fora, havia de me agradecer as referencias...

Não tenho pois, Revd. Sr., a presumpção de possuir muita sciencia; a unica que me permitta é a de saber bem a pouca que pude adquirir, o que faz com que possa dissetar, sobre materia do meu conhecimento, de maneira propria a desafiar qualquer critica. Na tropica, que terei a honra de dar a V. Revd.º, hão de ver que eu poderia errar por ignorancia, mas nunca por levandade, ou por falta de consciencia do que escrevo.

Deixando porém o desenvolvimento do artigo da ignorancia para occasião mais propria, vou occupar-me da audacia que V. Revd.º acha tão exaggerada em mim, que isto lhe faz dizer que o meu pedantismo degenerou em manifesta *loucura*.

Em primeiro lugar, Revd. Sr., em a analyse litteraria que fiz da honra episcopal-typographica, não fallei do latim da igreja romana, mas tão somente do dos padres redactores da «Civilisação» ecclesiastica. Ao latim da *Nova Testamento* designei por *latim de ferro*, como todos os mais peritos n'esta lingua o designam; se me occupara do latim posterior da igreja romana, tratava-o-hia por *latim ferruginoso*; mas esta ultima designação seria honrosa de mais para a benção de que se trata; o que eluzi ao latim antalgamado de sinificante benção foi *salvarro de lingua latina*, nem, em consciencia, lhe podia dar outro nome. Compreendo que v. revd., com todos os seus collegas, achem muita audacia nesta

minha franqueza; mas isto não lhes acontece senão porque a sua corporação já se acha excessivamente estragada pela lisonga. Vv. revds. apenas permittem que se lhes ataque as opiniões; mas não soffrem que se intente o menor assalto á sua presunhida sapiencia. Estão acostumados a toda a sorte de deferencias em materia de instrução e de doutrina, e não admittim que devam ser corrigidos os seus erros senão pelos seus venerandos chefes. Foi um grande erro social o deixal-as encher-se de bumbada fatuidade, que pode ainda um dia levar a infallibilidade do papa a reduzir a digua o prestígio da mitra, e até mesmo—da batinha. Teria sido muito mais conveniente que, logo que o clero começou a erguer a cabeça altuanda—depois do seu leilhão de meio século, se lhe fizesse sentir que é tão respeitavel a batinha que reveste o sacerdote de caracter sagrado, como se havia odiosa a que o reveste de caracter desvergonhado.

Tenho sido, desde muito tempo, testemunha das laboradas das presumpções, só propria da parvoice, com que os padres, da haia de *Fojá e de Gerson*, enchem as buchebas, derramando-as nos seus escriptos, para as atirar á face de pessoas, ás vezes despreziveis, presumindo-se de muito *podidos* quando as mandam raspar caraca na *covia de Micoeca*. Para taes मामांhos não ha, nem secretario de fraternidade religiosa, nem escriptor algum secular,—que não seja ignorante em historia,—em theologia,—em direito canonico,—em latim, e até—em *catechismo*; e ainda não confieri nem um que se mostrasse assaz perito em todas estas materias! Tal jesuita da casa, pretende humilhar o sr. Saldanha Maranhão, exprobrando-lhe a ignorancia da *collecção*; e ainda não encontrou por aqui nem um só *collecção* que mostre que a catechese fuisse bem comprehendida por aquelle que o fivesse redigido!

Bem vê v. revd., que a minha franqueza, que indevidamente qualifica de *aulaz*, é uma necessidade para evitar que o clero, a força de mimoso e estragado pela lisonga, caia e se afogue no oceano insustentavel da toloia, arrastando, na sua comitiva, para o mesmo harathro, tantos irmãos da *sociedade acritillava*, e tantas *leuzas* do chamado *Convênio de Jesus*. Seria muito para lamentar que a esta provincia onde o bispo, ou antes os seus indignos conselheiros,—prohibem que as festividades nos templos sejam acompanhadas de illuminações e de fogos de artifício nos atreus; a uma epoca em que isto ainda se pratica na capital da christandade, succedesse outra epoca em que se repellesse as festas escandalosas e acitantes da cidade media, em que se celebrava nos templos as festas dos *loucos e dos burros*. Os redactores da «Civilisação» ecclesiastica, que são eruditos se ostentam em conhecimentos historicos e theologicos, não devem ignorar que, quando a igreja já tinha papas, e, por consequente, já era *infalivel*, se celebrava a festa dos *Burros*, levando-se para o altar um burro com uma raparega montada, tendo uma coroa nos braços, o que, na celebração da missa, o cura, em vez de *amen*.—*et cum spiritu sào*. &c. &c., respondia a cada oração com o estribillo *hou-hou, hio-hou, hio-hou*, sendo a musica a imitação natural do zurreo de um da Arcadia. E a repetição de scenas taes, e de outras muitas peccas, celebradas sob o nome de *fiesta dos Loucos ou festa dos innocentes*, v. revd., que os *peccaboves* descajam evitar.

Dout'ora, revd. sr., dizia-se: *em brito non est disputandum*; e actualmente v. revd., está fazendo exorcismos mandados, em portuguez e em latim, para que se diga: *cum spicopus non est disputandum*. Se a v. revd., ainda resta algum bom senso para reflectir a isto, heita pode ver que a substituição, no proverbio, de *bruto* por *episcopus*; nada tem de honrosa, nem para a igreja romana que a autorisa, nem para os diocesanos que a confirmam. Já então verá tambem v. revd., que, bem longe de desconderar a igreja

romana e os seus padres, lhes dou, pelo contrario, uma prova de muita consideração, exortando-me para que não se torne definitivo, no proverbio, o caso de substituição de *bruto* por *episcopus*, que seria tão aviltante para a igreja romana, como humilhante para os christãos.

Mas eu estou me dirigindo a v. revd., como se fallasse com uma pessoa razoavel, e isto não obstante as provas que lhe dou da sua carencia de bom senso! Bem se diz que é o deficit das pessoas razoaveis o julgarem que todas as outras as podem comprehender! Ora veja v. revd., se pode comprehender as observações que ainda me restam a fazer-lhe.

Os revds. redactores da «Civilisação» ecclesiastica queixam-se de que os pensadores não assignem os seus artigos; e nemhum d'elles figura, com o seu proprio nome, nos artigos com que procuram amesquinhal-os,—deprimil-os,—ajudal-os, e atirar sobre elles a reprovação social e a repressão dos poderes publicos,—tudo por zelo catholico romano, e não por amor da pura doutrina de Jesus Christo. Queixam-se de que os artigos ameynos, que qualificam de *peccatins*, võem nas azas da livre pensamentol, e pertendem que os seus papistins, em estylo moncal, possam voar livremente nas azas dos alarvos da igreja, para que possam, sem resistencia, empolgar nas suas garras as consciencias alheias. Queixam-se da inconveniencia da linguagem dos pensadores, e da sua falta de politex; e acham-se muito *comandados e podidos* chamando-lhes *escrevichadores obscuros*,—*ambilzentes obscuros*,—*mergulhados em todas as rivas*, e *avulabros de rivas peccas*? E como, a pezar de tantasas deslempas, a sociedade civil não leia o direito de requerer, para os padres da igreja de Roma, exame de sanidade, não-se persuadindo aquelles *revezendas* escriptores que passam por uma corporação muito *comandada*,—*podida*, e *mergulhada em todas as rivas*, e pertendem para si o direito exclusivo de proceder com toda a inconveniencia,—arrogancia,—insolenca e grosseria que exprobam aos seus adversarios!

Ora veja v. revd., se o seu heri-heri lhe permitta pensar com algum disserimilto em tudo o que acabo de lhe expor, e principalmente no que lhe vou dizer, e particularmente lhe pertence.

V. revd., na critica que me dirigiu, exprobrou-me muitos erros, e sem expiar, como deveria, resposta que lhe assegurasse o triumpho perante o publico, a quem se dirigiu, foi logo, *ex cathedra sào*, condemnando-os em ultima instancia, como se se particularmente d'este periodo: «Foi porém tão infeliz que a uma só linha commetho sete erros de grammatica, que nas escolas se punem com a *palmutada*.»—Acha v. revd., que esta observação é *podida*?—Não achu, pelo contrario, que seria uma insolencia, digna de ser punida com o chicote; se, em vez de ser dirigida a mim por v. revd., fosse por mim dirigida a v. revd., fosse por mim dirigida a v. revd., seria uma *abei de covidade* arrancar a palmutatoria da mão dos mestres de latim do seu jez, para tranquillidade dos pobres estudantes?—Não acha que seria uma *abei de misericordia* curar, por meio d'ella, os mestres—das suas burras asnalicas, já que julgam esse instrumento indispensavel para punir os erros dos estudantes?

Se V. Revd.º puder reflectir nos elementos em que se distribui para se atrever a qualificar-me de ignorante e de aulaz—ao mais elevado grão, hade achar

que eu tenho sido com elle excessivamente generoso, não desdenhando responder-lhe com palavras. Foi pois muito feliz em achar por adversario um *pensador*, porque qualquer outro, que não fosse pensador, iria responder aos seus sete exollarios com sete sibilos de balas 5 Caubronne. Pode ser até que venham estes a ser os ultimos argumentos; e a digna metralha, com que se chegue a desmanuar a igreja a que V. Revd. pertence.

Termina V. Revd., a primeira parte da sua replica, fallando-me, não comprehendendo a que proposito, de uma *bezerra* que mandaram vir do Pará; e pois veio realmente alguma *bezerra* do Pará? Onde está elle pois, que ninguém lhe llingue o clarão?!—E porque *esse bezerra* não lhrta mais na casa da *machina typographica* do que pode hurrar, a uma sala, em tação accessu na cozinha? Ora, sr. revd., está-me parvando que o heri-heri é capaz de lhe fazer ver estrelas ao meio dia, e avillar, pela applicação, uma das mais brillantes figuras de ractorica! Isso, que tomou por *bezerra*, foi talvez algum *topofalato* em tope de *patá de esbo*!

Quicho, Revd. Sr., fazendo sinceris votos pelo completo restabelecimento da sua lhrdez. E é mais que pode desjar-lhe aquelle que se substrevu com impudestavel consideração.

Maciel,
Maranhão 14 de outubro de 1880.

Enigma pittoresco.

O Sr. Bispo devotando o Dia do MAAJAZO, escreveu ao alho do jornal estas palavras:—*Despenza-se a frouessa da Pala Episcopa!*!!!!!!

Isto será grego ou latim?

Que diabo do Para é esse que o Fria teima em remetter!!!!

Damos um queijo a quem decifrar o enigma, e se for a *Freia* então daremos dois.

Frei Tabaco

ECHOS DA RUA.

O Vigario de Pirocana mandou desfilar-nos para um *duello a piro*!

—Não o aceitamos em consequencia da grande vantagem de adversario n'aquella *perigosa arma*.

Em um grande *Samba*, que houve perto da *Matoba*, o patusco D. *Gerôba pinto* a *matata* e *deu panpas* tão valentes, que foi logo proclanzado o primeiro *paupol* da Capital!!

—Não admira, isto já torou corneta.

Em consequencia de terem fallecido recentemente os 800 *assignantes* da *Giellsa-o-cio*, distribuirão-na *gratis* na noite de 12 do corrente.

Agora sim, tiverão juizo.

Frei Tabaco o *preguecico*, alem da pistola, saca de ferro e faz de ponta com que agora anda, encamoufrou na *Fandado* uma peça de artilheria!!!

—Pau...lá morren' n'osso chromata.

O artigo de fundo da *Vicem* n. 9, é o *ovendo* que depois sahio no supplemento distribuindo *gratis*!!!

Que fim levou o talento de *borrachia*?

O Club *anti-fumico* já conta 285 socios!!!

—Cidades, quantas *thilas*.

O vigario de Pirocana quando heijon, na volta, a dextra de D. *Gerôba*, lá-o tão sobervogante, que quasi a engole!!!

—Quer me comer a mão? Pergunta aquelle assustado.

—Não, néde *Frei Magrejo*, é a bocca que elle tem *acantagada*.

D. *Gerôba* trouxe da *Villa das patas* 32 gallinhas, 14 frangos.

3 capies,
2 capados,
3 peris,
18 bollos da roca e uma Peria!!!
— E o commercio quem esperula com a religião!!!

O commendador Marques, depois da festa acabada, mandou *bejar curula* nos Bolis, bulindo assim com o Gerba!!!
— Contado do Antoninho.....

O Revd. Frei Ozorio mandou pedir-nos mizericórdia!!!
— Sim, se deixar o namorico.

Os jesuitas—esse *calera-norbu* que o mundo inteiro repelle—nunca se cazão e reproduzem-se de uma maneira assustadora!!!
—Que diabo farão estes raíões?!!!

Aza-negra o embusteiro, sempre que lê o *messuon*, estrebuxa como cão danado!!!
— Conheço tartufo, aqui não é Belom.

Uma *menbra do coraço*, depois de muitas invectivas, disse em uma sala, que a vida nos não de sujar a taboleta do escriptorio!!!
—Que um homem faça destas *sajidas* explica-se, mas uma senhora, e logo na nossa taboleta!!!!!!! são gostos.

Quando Frei *Mugriço* voltava da egreja no dia da festa, um menino que alli perto brincava perguntou muito assustado: Mamã, aquelle *bicho comprido* que alli vem é o pai de seba?
— Não meo filho, aquillo é um *avocanta*. E que differença ha, mamã, entre um *avocanta* e o pai de seba?
— O pai de seba, meo filho, suja apenas as calças dos *avocants* e o *avocanta* suja as consciencias, divide a familia e avilta a propria religião!!!
— Se todas as senhoras fossem como esta, o *messuon* não tinha razão de ser.

O Gerba, que pela mamã fugira esparvado lá p'ras bandas de *Santo Antonio*, á tarde ganhou coragem e cercado por meia dúzia de *beatos*, affrontou os *escudados* da festa, sugando *chupas* a janello!!!!
—Este Antoninho é das *Arabas*.

No dia 15 do corrente houve brodio grosso no *concerto*!!!
D. Gerba debutou, com grande successo, no *chorido*, e Frei *Mugriço* no *cu-boca de bayre*!!!!

Mas o enthuasiasta tocou o *diário*, quando D. Gerba n'uma *quebrado marido* e com voz suave e dengosa cantou esta quadrilha.

Nós somos dois *athletas*
P'ra dançar perante gente,
Tu te moves como um fuzo
E eu como a *scérupte*.

Movimento dos templos—Santu Antonio, Sexta-feira ultima:
Beatas triviaes..... 11
Ditas do *regabiffes*..... 18
Grande chefe *Papi*..... 1
Distinção da dita..... 1
Jesuítas *barregos*..... 0
Ditos *especuladores*..... 3
Curiosos diversos..... 5
N. B. Seu *Puzeza* não foi.

Savor Pompadour.

CHRONICA

THEATRO.

A companhia do sr. Sampaio, que tão mal esteve aqui com uma triste noite só de comédias, despedio-se de nós com a representação mais que regular d' *O Medico das crianças*.
Este, como todos os dramas de *Borghois*, pertence a velha escola romantica, não explorada no tempo dos *Duinas par*. Como obra d'arte á peça é bem feita

o actor atua perfeitamente á platea suas situações violentas, encabando-as n'uma escala crescente de paixões.

Conhece-se a mão do mestre no imprevisto das scenas finais, nas entradas e saídas que facilitam ao artista desenganar de vez em quando e enfim na collocação dos ditos humorísticos, que mais sobressahem em uma situação seria.

O enredo desenvolve-se com geral interesse do publico, que se commoveu a ponto de chorar; as *mulheres sympathicas* ficam com um novello na bocca da estomago e os *burguezes* de ventre enorme sonham essa noite com o sr. Theodoro e com a menina Luiza.

O desempenho deste drama foi o mais perfeito que nos proporcionou a companhia Sampaio.

Os papéis achavam-se distribuidos de accordo com os recursos da companhia.

O sr. Eduardo Alvares, a quem combe o protogonista, trabalhoun bem e deu-nos em despedida uma bonita idéa de seus dotes artisticos.

Incontestavelmente falta a s. s. pulmões que satisfiquem a platea burgueza, mas em compensação possui um theatro muito mais raro e precioso—que vem a ser a suprema sensibilidade—a pura flor do sentimentalismo.

E por tal agrestentamos a s. s. nossos comprimentos e pedimus-lhes que volte a esta provincia em se lhe offerecendo occasião.

O sr. Santos esteve muito superior no credito que gosa aqui como artista. Manda a boa verdade dizer que s. s. trabalhoun conscienciosamente e que se continuar desse modo acaba por conquistar a nossa sympathia.

O sr. Gaudêncio apesar de se achar metido em um papel de grande responsabilidade, não o sacrificou, fazendo ao contrario certas cousas, que não seria facil esperar de s. s., allemo o pouco tempo que tem de palco.

Referimus-nos principalmente no estudo do typo rustico no 1.º acto.

S. s. torna-se tambem digno de nossos elogios pelo zelo com que em geral trata as suas *toiletas*.

Abrimos no canto desta columna um postigo para enviar por elle os nossos melhores sorrisos a d. Russa da Silva e manifestar o quanto confiamos no seu talento, pedindo-lhe que continue a estudar como até aqui.

Mantemos ainda a esperanca de escrever largamente a respeito dessa esperancaosa artista.

Por ora apenas desejanos ao sr. Sampaio e sua companhia prospera viagem e aguardamos a melhor estação artistica que nos prometterem s. s.

Novo glossario das palavras e phrases d'uso saes empregadas no portuguez e de outras que a necessidade reclama.

Com este titulo publicou o illustrado sr. dr. Frederico José Corrêa um livro em que se propoe patentear e corrigir os gallicismos e *litteres garbaros* introduzidos na lingua portugueza pela invasão pernicioso do livros francezes.

Louvamos a magnifica intenção que levou o distincto escriptor a conceber tão laudavel intento, como tambem admiramos a copia do conhecimentos grammaticaes e litterarios que revelou na realisção de um obra de tanta responsabilidade e criterio; porém, mandamos a bôa franqueza declarar que bem pouco confiamos na utilidade de tais esforços e nos resultados que por ventura se esperem da nova protecção que offerece o sr. dr. Frederico a nossa lingua.

E a razão está na impossibilidade de evitar algum a superioridade que a França exerce sobre Portugal e Brazil—desde a revolução de noventa e tres que a imitação d'aquele inextinguivel poiz é uma cousa inevitavel.

Venham vobora o sr. dr. Frederico com o seu Glossario, e mais todos os classicos e puristas com um tratado de bom portuguez de bôxo do bôxo, mas não conseguirão que o Brazil se não resista da corrente electrica de idéas que jorra da França, como um jacto de luz, sobre o resto do mundo.

Incontestavelmente a França é a sede do pensamento humano.

E nos, que a imitamos em tudo—na sua politica, na sua industria, na sua sciencia, na sua arte, temos precisamente de imitala na sua litteratura e no seu modo de pensar e de fallar.

A lingua deve ser o estajo da idéa, ora, sendo a idéa imitação da idéa franceza, como podemos provar, a lingua tem necessariamente de passar um caracter francez.

Querer por consequente que flemos um portuguez genouo e querer que pensemos de um modo e fallemos de outro—nesse caso pensariamos em francez e fallariamos em portuguez. Querer ainda que escrevamos em portuguez puro, é exigir que escrevamos de um modo diverso do que fallamos.

Estadavia parece nos que a gente deve sempre escrever justamente como falla ou como pensa, sob pena de cair na affectação, o que é insupportavelmente ridiculo e de mau gosto.

Além disso já não estamos no reinado da forma—hoje o que se quer é a idéa; e o nome de descripto, scientificamente observado, claramente exposto, de um modo calmo, reflectido, methodico e sem as redundancias guardadas e as affectações puras e ridiculas do estylo dos *Sousa*, *Reynaldes*, *Felinto Bayão* e indolentemente *Gavet* etc. etc.

Essa velha litteratura, a que chamaremos plastica, de nada nos approveitaria, porque não poderia existir as experiencias materiaes e positivas de nossa epoua.

Hoje não podemos gastar tempo a expressar-nos com a forma, o que queremos e saber da idéa—da fôrma! A palavra escripta que antigamente era um instrumento de poetas *luminosos* e de *novelistas* pregos e immortaes, serve hoje para desmontar um facto, desenvolver uma these, desquite um phenomeno—O escriptor tem obrigação de ser consciencioso, breve, preciso, porque já não escreve para mostrar o seu estylo e sim para expor seu modo de pensar sobre qualquer objecto, sobre qualquer questão, sobre qualquer individualidade.

O proprio romance, tão util até aqui, quando hoje não se propoe discutir uma these, demonstrar um facto, bater um phenomeno, analysar um artigo do codigo, ou fazer qualquer outra cousa seria e util, embora esteja elle bem escripto, hade passar desaperecebido e cair por fim no archivo das inutilidades.

Elle hoje, como a pintura, como a esculptura, como a musica, como a oratoria, e como a poesia, acha-se influenciado pela corrente revolucionaria, que rehetou em França e anegou a observar tudo o mundo.

Ja vê, por consequente, o sr. dr. Frederico que a causa da mal que s. s. pretende evitar com o seu glossario não está na depreciação de nosso gosto, nem na nossa falta de patriotismo, mas sim no facto importante de ser a França nossa bôa, nossa professora, nossa superior, nossa bôa.

Em quanto Portugal e Brazil precisarem della como modelo é ocioso insistir em dar a lingua portugueza um caracter inteiramente proprio, como o que possui em tempo mais felizes. Quer s. s. que o portuguez seja original e conserve puras a indole e o gosto que lhe deram nossos avós, quando eram fortes e preparandantes e levaram seus costumes e sua religião a logares descobertos?

Tenia então a honradez de restituir a Portugal a antiga prepotencia e dar a nós, brasileiros, industria, universidades, dictionarios academicos, professores portuguezes, sciencia projeniente nossa, com seus tratados escriptos em portuguez de lei, sua terminologia theozica, tenia s. s. mais a honradez de nos formar o caracter, dar-nos escolas de pintura, de musica, de poesia, dar-nos costumes, orgulhos de raça e fazer-nos originaes.

E verá s. s. depois disto que em vez de anularmos a macaquear a França havemos de ser imitados, copiados, seguidos, porque teremos uma individualidade accentada, como já têm os Estados Unidos e as republicas do *Prata*, e como sempre tiveram a *Hispanha*, a *Inglaterra*, a *Russia* e o *Reia*.

Porém, emquanto Portugal for um velho macaco trapizo e decrepito, que passa o resto de seus dias cochilar seu abarrentamento, n'uma especie de indifferentismo indolente, aliado a tudo o que se desenvolve em torno delle e em quanto o Brasil for a imagem fiel de seu que send e esfolado—é utopia imaginar que a indole da lingua portugueza é cousa que se conserve immaculada e pura como a filha de um mandarin na China.

Doize s. s. isso para a França, que o pode fazer, porque é forte, é independente, é activa, porque tem o seu perli correcto, a sua sciencia especial, a sua arte legitima, as suas idéas verdadeiramente francezas, a sua indi-

vidualidade perfeitamente definida, e muito principalmente porque ella attende as necessidades os dias, com as novas qualificações estheticas, zoologicas, sociologicas etc. etc. com as descobertas e com as reformas do pensamento e dos costumes, com as alterações topographicas, com o desenvolvimento da layvora, com a abertura de canaes, com a construcção de pontes, emfim, com o reclamo importantissimo do commercio e da layvora.

Quando ao Brazil, nem é bom fallar nisso, porque faz *Corçoula*—falla-nos aqui tudo—desde o caracter nacional até a dignidade individual—somos uma massa de retalhos, cu da pedaga representa uma nação; somos uma especie de patchwork! É todo imitado! É tudo copia! é tudo servil!

Como não havemos de ter gallicismos? como não havemos de adoptar a França como senhora, si é ella quem nos dá os costumes, as leges, a nomenclatura scientifica, a litteratura moderna, o realismo, o theatro, a arte, a politica, o carcan e o delcabo? Si é ella quem nos ensina a observar o que se passa em torno de nós, quem nos explica o que nós somos, o que são os phenomenos naturaes, que na historia de Portugal se acham explicadas pelo milagre. Si é ella quem nos diz como devemos andar na rua, viver em casa—comer, beber, dormir e até multipl *com-nas*; si é ella quem nos prescreve a moda, quem faz o caracter e os vestibos de nossa mulheres e filhas, quem falla os pensamentos e as fôrmas de nossos ministros d'Estado, de nossos conselheiros, si é ella quem destruo as nossas crias politicas e as nossas *desperpicias*? Si é ella quem nos dá os tratados de economia politica e o *charpe La Rose*?

Logo o Novo Glossario, apesar da envolver o talento e a illustração do autor, apesar de revelar a boa vontade, a paciencia e os vastos conhecimentos de portuguez do Sr. Dr. Frederico Corrêa, é infelizmente uma fôrrada utopia, porque, contra a invasão de idéas e palavras francezas representa o papel de um grão d'aria.

Resta dizer que o Sr. Dr. Frederico veio a respeito *dos vícios que se commetterem em lingua e estylo proprio da lingua franceza e de algumas escripturas de noventa e tres, das unis mulheres collocar nos em uma duvida horri-*

—Seria ou não seria o P. Antonio Vieira um bom estylista portuguez?

—De certo!

—Mas elle, permitta-nos s. s., exprime-se justamente do modo porque mais tarde o fez mestre Victor Hugo, com aquella concisão de palavras e idéas, com aquellos aphorismos brilhantes, com aquellos travadinhos banais no apparencia, porém sumamente philosophicos, no fundo—particularidades estas, a que chama o illustre actor do Novo Glossario—propriedade exclusivamente creada pelo saber dos *Misericordias*, de accordo com a indole da lingua franceza.

Manual de *rethorica*

EXPEDIENTE.

De S. Exc. o Dignissimo Sr. Presidente da provincia recebemos, por intermedio da sua distincto secretario, um exemplar do Regimento interno do GYMNASIO BRASILEIRO, para dar-nos a devida publicidade.

Lamentando não nos ser agora possivel cumpri-las respeitavos ordens de s. exc., por estar quasi concluida a composiçào deste numero, quando recebemos o officio, o faremos na primeira oportunidade e com a maior satisfação.

E' o GYMNASIO BRASILEIRO, cujo Regimento recebemos, estabelecimento unico em seu genero em todo o norte do Imperio, e que, pela media annuidade de 400\$ para internos e 240\$ para meio-pensionistas, offerece, a par de vastas e hygienicas accommodações, um plano completo d'estudos.

Recebemos mais:

A CONSTITUÇào, do Ceará, a GAZETA DE NOTICIAS, de Maceió, e o TRIBUNA, novo athleta das idéas liberaes.

Agradecemos.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Frias.